

ÍNTegra

# Fernando Henrique promete mais desenvolvimento

Este é o discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso feito no Palácio do Planalto durante a cerimônia de instalação do Pólo Gás-Sal do Estado do Rio Grande do Norte.

Senhor Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Sales, meu amigo.

Senhor ministro de Estado de Minas e Energia, Raimundo Brito,

Senhor governador Garibaldi Alves, Senhores deputados,

Senhores senadores Geraldo Mello e Fernando Bezerra que, ademais, é presidente da Confederação Nacional da Indústria, José Agripino Maia, meu amigo, ex-governador,

Senhores parlamentares aqui presentes,

Senhor presidente da CUT, Vicente Paulo da Silva, Francisco Urbano, da Comag, e Canindé Pegado, da CGT — que torça enorme,

Senhora Virma, que é nossa heroína, Senhoras e senhores,

Em primeiro lugar, quero manifestar a minha surpresa. Quando entrei aqui eu disse: "Meu Deus, está a República toda, tudo o que há de mais importante da República no plano social, no plano político, no plano empresarial". Eu não sabia que o Rio Grande do Norte tinha tanta força assim e fiquei contente de ver. Sabia que já tinha as bênçãos divinas, porque eu já tinha estado lá, com Dom Heitor, além de Dom Eugênio e sabia da enorme presença dos rio-grandenses do norte na nossa Igreja.

Mas, hoje, fiquei realmente feliz de ver essa presença tão maciça de um Estado, como o Rio Grande do Norte. E, mais feliz ainda por perceber que uma conversa que tivemos, há pouco tempo — o governador, o ministro de Minas e Energia e senhor José de Alencar, aqui na sala ao lado — já resultou num protocolo. E como o protocolo é firmado pelo Joel Rennó, vai ser cumprido.

Eu tenho essa experiência. Tenho a experiência de ver que, muitas vezes... No início, eu tinha medo: "Meu Deus, estamos aqui prometendo". Hoje, não tenho nenhum medo. O que está sendo assinado aqui, vai ser feito. E isso me deixa muito contente pelo Rio Grande do Norte e, como foi mencionado pelo próprio governador, pelo Nordeste do Brasil.

Aqui está o ministro Catão, que sabe do meu empenho, reiterado, na questão de que nós temos que, realmente,

dar um grande impulso ao Nordeste. Está aqui o Dr. Vasconcelos da Rocha, que é presidente da Federação da Indústria, juntamente com o presidente da CNI, com líderes empresariais, com líderes sindicais, ao redor de uma idéia que é natural: o Rio Grande do Norte produz petróleo, produz gás. É preciso transformar essa produção em algo benéfico para o seu povo e para aquela região. E é o que vai ser feito.

Nós temos o compromisso firme — eu ouvi o Dr. José de Alencar — de que, uma vez transformado esse gás em energia, essa energia vai gerar empregos, através de indústrias, que vão gerar o crescimento e melhorar o bem-estar daquela região.

É disso que se trata. Trata-se de criar um pólo capaz de utilizar a energia que era natural em energia que vai ser industrializada e que vai permitir, portanto, a multiplicação dos postos de trabalho no Rio Grande do Norte. É o de que mais o Brasil precisa.

E eu queria aproveitar essa oportunidade, de ver tanta gente, o que realmente me deixa contente de ver que o Estado mobilizou os seus filhos, e que os seus filhos têm essa projeção nacional — não digo nenhuma inverdade aqui. É, realmente, formidável. Mas, para aproveitar essa oportunidade, quero dizer que acho que o Nordeste já passou por uma nova etapa, que o governador mostrou aqui já passou da etapa de, simplesmente, reclamar e chorar, para a etapa de construir.

Tenho um amigo, nos Estados Unidos — alguns, aqui, devem conhecê-lo, de nome, pelo menos — chama-se Albert Hirschman. É um dos maiores economistas da atualidade. E sempre foi muito amigo meu, de trinta anos ou mais. E ele tem alguns ensaios, que são admiráveis, sobre o processo do desenvolvimento. Num deles, ele chamava a atenção — sobre a América Latina, precisamente — dos obstáculos que impedem de ver o desenvolvimento. Porque só se falava dos obstáculos ao desenvolvimento. Há obstáculos que impedem de ver o desenvolvimento.

Nós, no Brasil, estamos numa fase em que temos que afastar os obstáculos que nos impedem de ver que já há desenvolvimento. E que esse desenvolvimento está se acelerando, e muito, e vai se acelerar mais ainda. O que não é suficiente, se não houver, também, a análise das conseqüências do desenvolvimento sobre a sociedade, sobre o po-

vo, sobre o bem-estar do povo.

Desenvolvimento, nós já temos e vamos ter mais. E nós temos que estar preocupados, no sentido de que esse desenvolvimento beneficie a todos. Não nos iludamos: o caminho do crescimento econômico do Brasil está traçado, está em marcha, só cego não vê — eu já disse isso mais de uma vez. Eu recebi, recentemente, da *Gazeta Mercantil*, uma compilação de projeções de investimento, até o ano 2000 ou 2002: R\$ 220 bilhões. E essas projeções vão se materializar, estão se materializando. Então, quem fica na choradeira de que o Brasil não vai para a frente, que esse modelo é um modelo que não leva ao desenvolvimento, está desindustrializando o Brasil, não está entendendo o que está acontecendo no mundo, nem no Brasil. Perdeu o bonde da História.

Está plantado um modelo de desenvolvimento crescente para este País, um desenvolvimento que está sendo feito com cuidado, para ser sustentável quanto à natureza, para evitar problemas de danos à natureza, e sustentável quanto à sua continuidade. Está já em marcha esse processo. Isso é irreversível. Não porque eu queira. É porque as forças se organizaram para que haja esse crescimento.

Nós temos que correr para produzir mais energia, e estamos fazendo. A Petrobrás está nesse processo, a Eletrobrás está nesse processo. Toda essa transformação na infra-estrutura viária, de portos e tudo o mais é porque nós precisamos, enquanto Estado, garantir as condições, para que esse desenvolvimento se acelere. E a nossa preocupação, crescente, é com o outro lado agora: quais são as conseqüências desse desenvolvimento, quem vai se beneficiar desse desenvolvimento, com o que nós vamos ampliar a participação da população nos frutos do progresso técnico, que já está lançado.

Esse é o nosso desafio, daqui para a frente. Não é dizer que não temos que pensar na inflação. Vamos sempre pensar na inflação, vamos sempre pensar no equilíbrio das contas, vamos sempre ter que ter conversa com os governadores, a respeito das contas, que são sempre as mais desagradáveis, para todos nós, mas são necessárias.

Agora, a nossa preocupação há de ser também com "o resto". Bom, aí, eu olho para o Aluizio Alves. Água. O Nordeste continua precisando de água. Eu

nunca vou me esquecer. Perguntei a Dom Eugênio, recentemente, no Pataxó, onde eu fui. O Monsenhor Expedito que me mandou uma carta lindíssima a respeito de água (...) dizer, pode ter indústria, mas a indústria não vai resolver a questão do sertão que precisa de água e alguma vez ministro (...) nós vamos ter que resolver as pendências para fazer aquela travessia necessária das águas para que nós possamos, efetivamente, atender a população mais pobre da região do Nordeste.

Educação. E isso estamos avançando. O ministro Paulo Renato, dia 15, vai estar lá pelo Nordeste. Porque o que o Congresso aprovou foi um passo essencial, que é a questão da valorização do professor. E nós vamos ter que tomar medidas fiscais — e o Congresso vai precisar nos ajudar nisso também — para permitir que, efetivamente, o Fundo de Valorização do Professor chegue lá. Já estamos com a lei e nós queremos estar no orçamento do ano que vem dando um aumento considerável da média de dispêndio na educação e, sobretudo, pagando um salário mais adequado à professora primária. E o governo federal vai ter que equalizar as despesas e quem vai se beneficiar disso é, basicamente, o Nordeste e o Norte.

Saúde. Agentes comunitários de saúde. É fundamental. Problema não é só ter hospital nas grandes cidades, é ter educação sanitária, educação para o cuidado do bebê e da primeira infância e isso se faz é com agente comunitário de saúde. Isso está acontecendo no Rio Grande do Norte também, porque eu estive reunido com o governador e com os agentes comunitários de saúde, lá, em Natal. E fazer aquilo que é muito difícil, que é uma estrutura estatal, que foi criada para servir aos ricos, que começa a servir os mais pobres. O Banco do Nordeste está fazendo isso.

Eu fui lá com o governador Garibaldi me parece, no litoral do Rio Grande do Norte. Para ver o que? Para ver uma cooperativa de pescadores, que teve um apoio do Banco do Nordeste, e que se constitui ali numa unidade produtiva que colocou lá uma pequena unidade para conservação do peixe. Com isso eles podem vender peixe com melhor preço e, depois, compraram uma camionete para levar até Natal e as coisas avançam. E, quando se compara o esforço feito pelo Banco do Nordeste, foi o que mais conseguiu avançar na direção e atender ao pobre. Ao pobre,

ao pequeno, não necessariamente pobre.

Estamos numa luta tenaz com a Caixa Econômica, porque tem dinheiro. Ainda ontem ou anteontem, vi o presidente Cutolo na televisão. Alguém dizia: falta recurso? Não, não falta, tem dinheiro. Nós estamos chegando a um ponto bom no Brasil, em que o problema não é só escassez absoluta de recursos, é como utilizar melhor o recurso e com o que faz esse recurso chegar lá em baixo. Está aí o Pronaf onde (...) há recurso. E a dificuldade que eu tenho. Não é por minha vontade política o que me irrita é (...) falarem disso. Vontade eu tenho, é que os outros têm que ter também. É preciso fazer com que chegue lá e não adianta dar ordem aqui e ficar o dinheiro no Banco do Brasil ou que banco seja, se não tem as estruturas de capilaridade para que chegue lá embaixo o recurso. Isso só se faz se todos estiverem cooperando.

Não adianta só reclamar, todos têm que cooperar. Mas está começando a haver isso na Caixa Econômica, está começando (...) até no BNDES que sempre foi feito para — e era natural que fosse — para atender aos grandes capitais. Ele começa a ter uma linha de crédito para atender à pequena e média empresa e vai haver uma outra para atender ao crédito popular. E, ainda ontem, o ministro Kandir que dizia que o BID deu um recurso pequeno, US\$ 30 milhões, para treinar as organizações não-governamentais, como é que elas fazem para poder usar o dinheiro e emprestar dinheiro do governo para o povo. Isso é um processo, não é uma questão de uma decisão, aqui, burocrática, é um processo, é uma luta contínua da sociedade.

Pois bem, é nesse processo que nós estamos envolvidos. Nada disso vai existir se nós não formos capazes de criar muita riqueza. E isso é (...) criar riqueza, usar o gás. O ministro de Minas e Energia, Raimundo Brito, tem sido excepcional, entendeu esse procedimento. Estamos fazendo o que é possível. Nós temos que criar riqueza e, ao mesmo tempo, reestruturar o Estado e a própria sociedade para que essa riqueza não fique concentrada.

Esse é o nosso desafio. Desafio que nós só vamos ser capazes de atender como estamos, hoje, aqui, se nós nos unirmos. Isso não vai eliminar as diferenças de visão do mundo, de interesses políticos, até pessoais, mas há

questões que são nacionais e são populares. Aí, nós temos que estar juntos.

E essa reunião me deixou muito contente porque, quando cheguei, aqui, vi que estavam todos juntos. Quer dizer, o Rio Grande do Norte todo unido, com as bênçãos do cardeal do Rio de Janeiro, que já foi lá no Rio Grande do Norte uma pessoa que teve uma ação extraordinária na base, e que sabe também que nós temos que estar juntos para que as coisas possam caminhar. Mas vão caminhar. Vão caminhar com muita tranquilidade.

Acho que nós estamos vivendo um momento de serenidade no Brasil, um momento em que nós podemos, realmente, divisar este futuro mais proveitoso para o povo do Brasil e com essa decisão política de, nas coisas importantes nos unirmos e com a disposição que tem o governo, que têm as empresas estatais, e que têm os governadores, e que têm, enfim, a sociedade política organizada, o Congresso, de ajudar, eu não tenho dúvida nenhuma de que o Rio Grande do Norte — e é mesmo o que disse o governador, é um pedacinho do Nordeste, é o Nordeste, isso aqui é fundamental para o Nordeste, não só para o Rio Grande do Norte — vai deixar de ser área problema. Já não é mais. Pelos últimos dados que vi, o Nordeste está crescendo mais depressa, do que o resto do Brasil. Sabem no que? Na indústria. Sabe onde? No Mercosul. Está crescendo à velocidade maior do que o resto do Brasil com o Mercosul, vendendo mais para o Mercosul. Então vamos ter confiança em nós próprios e, portanto, confiança no Nordeste.

Termino dizendo que, desde que assumi — o governador repetiu essa frase aqui — eu tenho dito. Não somos mais subdesenvolvidos. O problema é de justiça, é de equilibrar mais esse desenvolvimento e continuar na senda do desenvolvimento. Essa é a nossa questão chave. E eu também dizia, e disse na Sudene, o Nordeste já não é mais problema. O Nordeste tem que confiar nele próprio, tem que deixar de ver só obstáculos para ver que há — na visão da gente muitas vezes obstáculos. A ver que as coisas estão melhorando. As coisas estão melhorando.

Parabéns ao Rio Grande do Norte, que saiu na frente nesse setor para melhorar mais ainda.

Muito obrigado.